



UNICAMP

PC 884

EVENTO: ENTREVISTA COM ROGÉRIO DUPRAT (I)

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 01 jun 96

PÁGINA: D-1

SEÇÃO: CADERNO 2



Rogério Duprat rege sonhos e fabrica móveis

Figura-chave do tropicalismo, o maestro vive recluso num sítio em Itapequerica da Serra, faz criados-mudos para os netos, prepara dois novos e sigilosos projetos e critica a música atual

JOTABÊ MEDEIROS

ITAPECERICA DA SERRA — A barata escorrega para fora do violoncelo no mesmo momento em que sobe uma nuvem de poeira, ambos provocados pela batida forte do maestro Rogério Duprat no instrumento. A barata, o maestro esmaga com um pisão firme. O violoncelo, ele tenta agora ajeitar no gramado, sob um sol de inverno forte e desigual. “Isso dá idéia de há quanto tempo não toco nada”, diz Duprat, homem-chave da música popular brasileira durante três décadas e hoje vivendo uma existência modesta no seu retiro numa chácara em Itapequerica da Serra.

De arranjador das canções mais emblemáticas do tropicalismo ao dileitante fabricante de móveis (para uso pessoal) que é hoje, Rogério Duprat percorreu um longo caminho, com uma escala quase trágica num derrame, há cerca de dois anos. Vive atualmente de uma modesta aposentadoria, de jingles que compõe de vez

em quando e projetos esparsos. Dois deles estão para sair, mas são um mistério ainda. “Posso contar daqui uns 15 dias, quando estiver tudo certo”, adianta.

Rebelde convicto, pode ser visto na foto do disco *Tropicália*, ao lado de Caetano, Gal, Gil, Capinam, Tom Zé e Os Mutantes, segurando um penico como se fosse uma xícara de chá. Já regeu orquestra com um macacão de frentista da Shell e participou de performances artísticas de toda ordem. Em 1963, assinou o manifesto do movimento Música Nova, um grupo de música de vanguarda que reunia ainda Gilberto Mendes, Julio Medaglia, Damiano Cozzella, Willy Correia, Alexandre Pascoal, Régis Duprat, Sandino Hohagen.

Foi um dos primeiros artistas de formação erudita no Brasil a descer do olimpo clássico e ir atrás de bandas de rock. A idéia era “contaminar” a música, expressão utilizada por ele. “Não que eu, um genial maestro, tivesse chegado até eles e mostrado o ca-

minho”, explica. “Eles estavam procurando a novidade também.” Essa inquietação talvez tenha nascido nas aulas que teve com Stockhausen, em Darmstadt (Alemanha), na década de 60, quando um de seus colegas de turma era um americano cabeludo chamado Frank Zappa.

Duprat comemora este mês 50 anos de casamento com Lali, com quem tem três filhos e cinco netos. Ela faz cerâmica no mezanino de madeira da casa. Ele, vez por outra, cria camas, criados-mudos e armários para o quarto dos netos, na marcenaria que tem na parte do fundo da casa. O aparelho de surdez não parece muito eficiente e Duprat só ouve com a voz uns cinco tons acima do normal, o que torna o diálogo difícil, mas não menos fluente. “Na música que se faz hoje, acho que Hermeto Paschoal mostra alguma novi-

dade, mas ele mesmo já está se repetindo”, diz, sem tom de crítica, sem mordacidade, apenas como um tranqüilo e sábio homem que inventou o

próprio futuro antes da hora e agora só se dá ao trabalho de sentar no jardim e vê-lo se realizar, enquanto observa a grama crescer.

É um homem reservado, com um senso de humor muito aguçado. Recebe generosamente as visitas em Itapequerica, onde vê televisão, mas não ouve rádio nem música devido ao problema auditivo. Sai muito pouco. A última aparição pública foi num show de Gilberto Gil no Palace, há três anos. “Mas não me venha com essa

conversa de gênio recluso, já estou cansado disso”, avisa, antes mesmo de começar a conversa.

■ Mais informações nas páginas 4 e 5

Encontros

Notáveis

SUA ÚLTIMA APARIÇÃO PÚBLICA FOI HÁ TRÊS ANOS

Heitor Hui/AE



O maestro Rogério Duprat toca o seu violoncelo no sítio de Itapequerica da Serra: “Na música que se faz hoje, acho que Hermeto Paschoal mostra alguma novidade, mas ele mesmo já está se repetindo”